

**Resumo**

O texto reflete uma escrita sobre o gosto compreendido pelo olhar geográfico. O fio condutor do entrelaçamento das ideias a serem expostas é o gosto; aqui ele se afirma no seu sentido metafórico em alguns momentos para mostrar uma Terra reconhecida como organismo vivo. Ele nos dá a condição de adentrarmos em nós mesmos e percebermos a nossa existência na Terra. Temos, hoje, uma Terra arranhada pelo gosto amargo da ambição, refletida nas doces e suaves ondulações da paisagem. No emaranhado das linhas que perpassam o gosto, são abordados com mais frequência os conceitos de sabor, Terra, paisagem e experiência, escolhidos para a ranhura desta escrita. Noguera, Serres, Agamben, Calvino e outros me acompanharam e orientaram durante o traçado do texto. Ao término, percebi que as palavras se juntam a outras para produzir o sentido que busco para a Terra, sempre acompanhada pela geograficidade dardeliana. Assim, recorro à poética para dizer que o caminho para uma Terra com gosto pode ser decifrado quando a pessoa humana saborear a sua pele – paisagem – e deixar a Terra ser Terra, viva.

**Palavras-chave:** gosto; Terra; geograficidade

**Abstract**

The writing presents a reflection on taste from a geographical perspective. The main cohesive element of ideas is taste; here, it is often presented in its metaphorical sense in order to present the Earth as *Gaya*. It gives us the conditions to look inside our selves and realize our existence on Earth. The current environmental crisis shows a Planet scratched by the bitter taste of greed, which is present in the smooth and soft landscape are *lief*. In the many ways that the word taste appears, the most frequent relations that come to mind are referring to taste, the Earth, landscape, and experience chosen for this purpose. Noguera, Serres, Agamben and Calvino, among others, were references for this work. In then do the text, I realized that words were combined to get her so as took rate the exact sense that I have been looking for Earth, Always followed by the Dardel's geography. Thus, I make use of the poetics of the Earth to say that the path of a planet with taste can be deciphered when a human being tastes its skin – landscape – and let the Earth to be vivid.

**Key words:** taste; Earth; Dardel's geography.

## Primeiras palavras

Estou aqui para conversar sobre a Terra pelo sabor, pelo gosto. Trago fragmentos de outra geografia de tantas geografias. Uma geografia poeta, afetiva, sentida, que vê a Terra como uma abertura para o mundo. Ver a Terra de outro modo; ver a Terra de um jeito poético. Terra-Gaia, Terra-viva, Terra-vida, *pachamama*<sup>1</sup>. “(...) toda ella tiene unos derechos que deben ser respetados por encima de los derechos meramente humanos.” (NOGUERA, 2007, p.21). *Pachamama*... ver a Terra-mãe, sua força, “una madre nutrient que pare, cría y ampara a todos sus hijos, quiene sin disolublemente se encuentran hermanados en el lecho de suseno.” (GIRALDO, 2012, p. 8). Ver a natureza como mãe “pero dentro de una vasta red de intersignificaciones con otras metáforas subordinadas” como “la metáfora de la naturaleza como manera de ser y estar en el mundo diferente a la que hoy nos ha conducido al riesgo de la extinción de nuestra especie.” (GIRALDO, 2012, p. 9). Se entendemos a Terra como *pachamama* devemos respeito e amor a ela. Este é um modo de pensar a nossa origem: Terra-mãe; *pachamama*... “somos cuerpos-tierra y pertenecemos a ella.” (NOGUERA, 2015, p. 130).

A geografia, nestes termos, é denominada por Pardo (1991) como “a escritura de la tierra” (PARDO, 1991, p.61), acrescida de escritura da terra sobre si mesma (SERRES, 2001, p.281). Ao longo do tempo, ela escreve e descreve a si mesma, no modelado suave da paisagem. Suas letras constituem-se nos marcos estáticos e dinâmicos desta paisagem – as serras, as águas, as plantas, os bichos, os ruídos, as palavras... Estes marcos fazem a Terra, modelam a Terra. São testemunhas silenciosas de nossa passagem por aqui. Somos apenas coadjuvantes na escritura da Terra. São corpos “hecho de la tierra, por la tierra, sobre la tierra y bajo la tierra.” (NOGUERA, 2014, p.24 ). Somos e estamos interligados. Há ligações entre o corpo e a Terra, entre os deuses e a Terra, entre a Terra e a natureza... Estas ligações nos fazem indagar sobre qual é a Terra que queremos habitar. Qual é o sabor desta Terra? Qual é o sentido do fazer geográfico? Buscaremos encontrar pistas para as respostas ao longo desta escrita.

Estou no rural desde que habito esta Terra. O rural se enraizou em mim; construiu-se pelas mãos da ancestralidade. Logo, o rural é meu ser sobre a Terra. É ser nela! É presença! Minha fala brota da Terra, escrita e grafada pelo enraizamento do ser, cúmplice com a Terra, em busca da geograficidade apresentada a nós por Eric Dardel (2011) em sua obra *O Homem e a Terra*. Uma geograficidade que expõe nossa própria relação com a Terra cujo mundo construído e vivido em sua cotidianidade só é<sup>2</sup> a partir da Terra. (HOLZER, 2011).

Com sua escrita, Dardel aproxima a ciência da poética, da filosofia e da própria geografia. A essência da geografia dardeliana é desvelar uma relação. É relativa ao homem. Antes do geógrafo que mensura está o

<sup>1</sup>Josef Estermann (2006) explica que “cuando se trata de la ‘tierra’ como base de la vida, se usa en ambos idiomas la expresión pachamama (‘madre tierra’) o simplemente pacha.” (ESTERMANN, 2006, p.157). É a relação mãe e filho que se revela em pachamama oriunda dos saberes dos ancestrais indígenas andinos, ou seja, uma relação de amor e vida.

<sup>3</sup>Grifo nosso.

homem que descobre a Terra. Esta postura de Dardel revela uma busca de outro entendimento da ciência. Ele compreende a Terra como a base na qual a humanidade se sustenta; seu ser. A Terra ampara, apoia o habitar do homem no mundo – habitar, aqui, entendido no sentido heideggeriano de ser e estar na Terra, pela pele, “tecido comum com suas concentrações singulares” (SERRES, 2001, p.47) que nos dá a condição de desenvolver a sensibilidade.

### **Palavra: Terra**

A Terra é aquilo que dá sustentação ao que existe. Ela é, pois, a condição de habitar, de edificar, de cultivar do homem, porque ela é a situação mais evidente de sua existência.

Quando expõe a necessidade de compreender a Terra para além de sua materialidade, para estabelecer as relações entre a existência e a realidade geográfica, Dardel (2011) convida Martin Heidegger a dialogar sobre ela em seu sentido mais íntimo. É nessa escrita que Dardel encontra a essência da Terra. Em sua escuridão, os seres se abrem à procura de luz; se abrem ao mundo para estabelecerem uma profunda relação com a Terra: a geograficidade. A abertura para o mundo nos dá a condição de estar em relação a alguma coisa onde o homem funda o seu habitar que é a própria Terra. Ambos – Terra aparece através do mundo e mundo repousa na Terra -, embora diferentes – Terra-fechado; mundo-aberto -, sugerem distanciarmos do entendimento de terra em um contexto físico, terreno, visível, concreto, e aproximarmos daquilo que se nomeia Terra como “aquilo que o homem histórico funda o seu habitar no mundo” (HEIDEGGER, 1977, p.44), ou seja, cria, institui, assenta, apoia algo profundo, íntimo que irá assentar, acolher. É na Terra, portanto, que o mundo pode manifestar sua essência.

Dardel nos oferece a perspectiva de repensar o fundamento da realidade geográfica, especialmente quanto à tradição das relações homem-Terra. O sentido de Terra trazido do pensamento heideggeriano permite repensar as relações de um ponto de vista mais poético, buscando outro modo de compreendermos nossa existência a partir de nossa condição na Terra. A crise ambiental, no contexto da globalização, reclama este repensar, e Dardel apresenta um caminho para responder a esta crise, que é, afinal, a nossa própria crise. A Terra é uma presença; presença sagrada; é o início e, também, o fim. É Chão! Está, portanto, carregada de significados. Dardel deseja resgatar essa presença e, para isso, a discussão sobre os mitos é fundamental. Poética da Terra: reaprender a habitar o mundo. Deixar a terra ser Terra.

### **Palavras: Terra, geografia**

É preciso compreender a geografia não como uma vitrine em que o homem se deixa observar ou observa a paisagem, mas como o meio pelo qual ele realiza sua existência. A Terra, por outro lado, é uma possibilidade de manifestação de seu destino.

O fato do ser-e-estar no mundo é essencial para que nos relacionemos com

as coisas e com os outros seres. Nossa experiência de mundo se apoia nas relações que criamos com tudo o que nos rodeia. Logo, a geografia é vital para a compreensão do ser.

Terra para molhar, para cheirar, para lavrar, para arar, para plantar, para colher, para morar ao sabor do vento na pele, ao sabor das águas. Uma grafia marcada pelo reencontro, pelo meu encantamento com a Terra. Afagar a Terra. Conhecer os desejos e sonhos desta Terra, deste Chão! “O húmus, a terra, misturam corpo e plantas, fauna e flora, mortos ou vivos, compostos orgânicos.” (SERRES, 2001, p.166).

O fazer geográfico é uma arte! Geografia: compreender o mundo, suas temporalidades e espacialidades. Geografia do afeto. Lugares de emoções, lugares de alma, lugares com alma. Lugares sagrados, lugares do sabor, lugares com sabor, lugares vividos com afeto. O afeto é uma sensação; ele se move; é movimento! É na sensibilidade, no afeto e em alguns filósofos que busco amparo para me tornar libertária em meu modo de expressar, de grafar o rural, de grafar o gosto geográfico.

Esta é uma geografia que faz sentido, onde percebo e compreendo sujeitos, onde há gosto, onde a experiência geográfica pode também ser preenchida com outras escritas, outros desejos. Outros caminhos... É buscar outros lugares, outras paisagens. Os lugares são como as pessoas: a emoção e o momento nos faz descobri-los! Os lugares se dão no movimento, na busca pela abertura para o mundo. E, nesse movimento, a paisagem surge para reunir os lugares. “Aqui, alguém vive, come, dorme, pratica seus hábitos, ama, trabalha, sofre e morre.” (SERRES, 2001, p.246).

### **Palavras: Terra, geografia, paisagem**

Paisagem... são muitas... São muitos entendimentos de paisagem. Adriana Serrão (2012) e Ana Godoy (2008) vêm, no âmbito desta escrita, contribuir para a conversa sobre que iniciamos sobre a paisagem. Serrão (2012) compreende a paisagem como uma categoria sem conceito, “destituída de limites reais e conceituais rígidos.” (SERRÃO, 2012, p.68). A justificativa da autora diz respeito à peculiaridade da mediação existente entre a singularidade e a universalidade. Vou além: a paisagem não deve ser considerada sem a temporalidade, pois ela se limitaria à superfície terrestre. “A paisagem é o que não há” (GODOY, 2008, p. 205); neste aspecto, é criada e recriada pelo sujeito observador e participante e para o sujeito “para ocupar os lugares, porque cria os lugares.” (GODOY, 2008, p. 205). Logo, paisagem é evidência de experiência; o sujeito tem que “estar nela, vivendo nela, (...) superando o aspecto visível do olhar para chegar a senti-la como lugar de estadia e de habitação.” (SERRÃO, 2017, p.47).

Aqui, consideramos a paisagem fundada na geograficidade. Ela é a própria natureza do ser-e-estar-no-mundo; é uma das linguagens da grafia da Terra; é a expressão deste habitar, desse ser terrestre, desse homem em sua condição originária. Holzer (1999), em diálogo com Dardel (2011), reafirma que a paisagem expressa nossa existência por meio de nossas ligações com a Terra. Neste sentido, a experiência

de paisagem é muito mais fundamentada no ser, no sentir do que propriamente no ver.

A paisagem se deixa ver. Precisamos habitá-la para poder ouvir os seus saberes, para perceber o seu gosto; precisamos senti-la para sermos invadidos por ela. Marc Besse (2014), em *O sentido do gosto*, nos diz que “a paisagem é o mundo do olhar.” (BESSE, 2014, p. 34). Ouso ir além: paisagem é o mundo dos sentidos! Besse (2014) relembra que a paisagem é vivenciada, experienciada e, em seguida, falada. Se a paisagem nos fala dos homens, dos seus olhares e dos seus valores, posso dizer que ela se constrói culturalmente. Ela expressa um movimento da nossa existência na Terra. E se ela é uma construção, ela é uma experiência, antes de tudo. E pode e deve ser degustada porque ela é “o rosto e a pele” (SERRES, 2001, p.18): espessura sensível da Terra. É uma pele historiada que trás e mostra a própria história (...) através de “placas endurecidas pelo trabalho, rugas e sulcos de velhas esperanças, manchas, espinhas...” (SERRES, 2001, p. 18). A paisagem pede para a olharmos com sensibilidade. Degustar são as relações que estabelecemos com os outros e com o mundo. Para o autor, a comunicação é o encontro de corpos misturados. Posso ver o corpo no lugar, mas também o corpo como lugar. Paisagem, pele da Terra ...

Mas, para isso é preciso fazer calar as ciências duras. É preciso outra geografia. Seria o que Michel Serres denomina de geografia? “A escritura da Terra sobre si mesma” (SERRES, 2001, p.281), na qual as circunstâncias produzem um lugar misturado, centrado no corpo, que degusta, vê, ouve, toca, experimenta, enfim. E fala; “mas fala como corpo, em seu movimento.” (MARANDOLA, 2014, p. 22).

### **Palavras: Terra, geografia, paisagem, corpo**

Nosso corpo, assim, se comunica com o mundo. E seu primeiro contato com o mundo ocorre pelo alimento; é a primeira manifestação de afeto e a primeira proteção que se recebe. Alimentar-se é alimentar o corpo.

Mas comer não é apenas um ato biológico; é, antes de tudo, um ato simbólico e contém cor, temperatura, estética, textura... O ato de comer reúne memória, desejo, fome, significado, ritual; é isto que dizem sobre a pessoa que ingere o alimento. O ato de comer traduz o pertencer, o fazer parte, o estar com, o reconhecer-se pelo gosto. Comer, neste sentido, é um ato do encontro!

É na boca, apoiada pela visão, pelo olfato, pelo tato e pela audição que a comida é entendida, assimilada e adentra pelo corpo. Nele somos! Nos materializamos nele! É por sua forma, seu movimento, suas reentrâncias, sua escuridão, seu calor, que o eu se forma. Ele se forma numa mistura com o corpo como Serres (2001) relata: “o eu constitui o corpo assim como o corpo constitui o eu.” (SERRES, 2001, 253.).

Autores como Michel Certeau (2013), Michel Serres (2001) e Gonçalo Tavares (2013) reconhecem a boca como uma abertura tanto para a palavra quanto para a ingestão do alimento. Logo, os prazeres da boca são passíveis da

oralidade tanto como “absorção do alimento, prazer do paladar, e como suporte de uma atividade profusa da linguagem, prazer da fala, que descreve, nomeia, distingue, matiza, compara, irisa e desdobra.” (CERTEAU, 2013, p.252).

Gosto e linguagem concorrem no morno espaço da boca. A mesma boca que profere a linguagem expressa-se numa língua que se presta ao riso, ao choro, ao grito. Uma boca expulsa a outra; a da linguagem exclui a do gosto. (SERRES, 2001). Boca bífida! A aproximação de Gonçalo Tavares (2013) desta conversa sobre o corpo nos faz pensar que ele respira, ele se move, mas somente a boca come e bebe. Você já imaginou que comer pode ser, também, um ato de posse, um ato egoísta? “Tudo que eu como é meu, ninguém mo poderá tirar.” (TAVARES, 2013, p.461). É assim que o autor nos mostra outra possibilidade de comer que não seja apenas no sentido de alimentar, de nutrir. Gosto – do latim, *gustus* -, entendido como sabor, como sensação da língua e das papilas: experiência subjetiva, fugaz, egoísta, mas hedonista.

Yi Fu Tuan (2012), em *Topofilia*, revela que saboreamos o mundo com o corpo e este faz a mediação pelos sentidos. Saborear o mundo é ter consciência que a paisagem contém em si, o cheiro, o gosto, a cor, sensações, enjoos. Saborear é expor-se ao real, é experienciar. É o corpo sendo tocado pelo mundo. Posso dizer que esta é uma experiência geográfica; ela envolve nossa relação com o mundo e se dá com o corpo, com as mãos, com o nariz, com a boca, com os olhos.

A centralidade dos sentidos está nos cinco sentidos aristotélicos – tato, olfato, visão e audição. É através destes sentidos que nos relacionamos com o mundo; eles extrapolam os limites do eu. Destes, o homem está mais diretamente ligado à visão do que aos demais. Para Aristóteles (2010), a visão é um sentido superior e seu objeto é o aspecto visível do olhar, pois “(...) visível é a cor e algo que, sendo embora descritível por palavras, não possui nome.” (ARISTÓTELES, 2010, p.81). A visão nos mostra o mundo por meio da luz, da existência e das cores dos corpos que nos cercam. Ver está carregado de objetividade. Ver é concreto, é visível! “Ver não envolve profundamente nossas emoções.” (TUAN, 2012, p.28). Uma pessoa que vê é apenas um observador. Não se envolve com a cena. Tuan (2012) comenta que o mundo percebido pelos olhos é mais etéreo do que o mundo nos apresentado pelos outros sentidos.

Mas o gosto do pequi ou da jabuticaba, o aroma do café moído e torrado na hora, a textura de uma pele quente e o farfalhar das folhas dos coqueiros em um dia de brisa agradável, nos atingem como sensações. Por outro lado, é possível ter olhos e não ver; ter ouvidos e não ouvir. Jean Brunhes (1955), em *Geografia Humana*, vai além: “quem é geógrafo sabe abrir os olhos e ver” (BRUNHES, 1955, p. 249) além do que é visível. Mas é preciso saber ver. É preciso ter sensibilidade, espírito geográfico. Segundo este geógrafo, há um sentido geográfico que requer uma percepção real das expressões das atividades da pessoa humana.

O tato nos fornece informações sobre o mundo. O objeto é a  
Belo Horizonte - Edição Especial 2018 - Sabores Geográficos

consistência e a superfície dos corpos. A audição nos auxilia na apreensão da realidade. Sem ela, a vida parece estática, congelada, e o tempo não avança. Do mesmo modo que o sabor é percebido como doce ou amargo, o cheiro também pode ser acre, áspero, ácido e gorduroso. (ARISTÓTELES, 2010). Mas é através do cheiro que podemos evocar lembranças vividas, carregadas emocionalmente, de fatos e cenas passadas. Cheiro e gosto: sentidos que se misturam. Serres (2001) comenta: o olfato regula inteligentemente o gosto. Do nariz, do palato, sai uma cornucópia de abundância, os odores e os sabores tocam a palavra, mostram a calda do pavão. (SERRES, 2001, p.158).

O gosto nos mostra as características do alimento quando ele se mistura na saliva. Rudolf Stein (2012), em um pequeno livro chamado *Os 12 sentidos*, classifica o sabor em quatro tipos presentes no mundo vegetal: salgado, amargo, ácido e doce. O autor acrescenta que estes são sabores que fazem parte do sabor dos órgãos, internos, mas já se relacionam com o mundo externo.

Gosto: “o sentido que permite perceber e distinguir os sabores” (AGAMBEN, 2017, p.11); sabores estes que nos proporcionam prazer, um bem estar ao manter contato com o alimento. De modo diferente de Giorgio Agamben - utiliza preferencialmente o paladar em lugar do gosto -, aqui será usado o gosto já que ele se identifica mais com as relações que podem ser estabelecidas com a experiência e a geografia. Gosto e sabor são próximos etimologicamente conforme Agamben (2017) explica:

gostar é um modo de não apenas fruir de algo, mas também de conhece-lo: o sabor é um modo de saber. Tanto o latino *sapiens* tem a ver com *sapere*, quanto o grego *sophós* tem a ver com *sapio*, ‘sentir o sabor’, ‘degustar’, ‘experimentar’. (AGAMBEN, 2017, p.77).

A geografia, historicamente ligada à imagem, pouca ou talvez nenhuma atenção deu ao gosto e ao sabor. Poderíamos pensar, então, em paisagens gustativas? Lugares saborosos? Sabores da Terra? A existência humana é, por natureza, geográfica. Percebemos o sabor diretamente ou apreendemos o gosto de forma mediada pela cultura, pelo costume, pelo cheiro, por lugares específicos ou pelos próprios olhos? O sabor, enquanto experiência, nos leva ao gosto. Por intermédio do gosto percebemos o que é bom ou ruim, o que agrada ou desagrada, o que é picante ou insosso. Este prazer é parte da nossa própria relação com os lugares e as paisagens. É uma experiência de cultura que nos é transmitida.

### **Palavras: gosto, experiência, gosto como experiência**

Ao fazer menção à etimologia da palavra italiana *sapere*, cuja origem latina é *sapio*, Nicola Perullo (2013), em *O gosto como experiência*, explica o sentido original da palavra sabor. Segundo ele, sabor significa “possuir sabor”,

enquanto *gustare* (apreciar, saborear) denota perceber o sabor imediato de um alimento ao manter contato com a boca e interiorizar nas papilas gustativas. A experiência, neste aspecto, é justamente este contato; é um “ir ao encontro” do sabor.

Em alemão há dois sentidos de experiência: o termo *erfahrung* - relacionado à viagem, à experiência de mundo -, e *erlebrnis* - relacionado à vivência interior. O paladar ou o gosto como ideia de estética “é uma experiência tanto no sentido de *Erfahrung* quanto no sentido de *Erlebnis*: o que comemos contribui de fato a ‘termos experiências’ enquanto absorvermos, introjetamos e assimilamos.” (PERULLO, 2013, p.170).

Há diversos exemplos envolvendo o sabor na literatura. Aqueles mais próximos se referem à memória gustativa, como é o caso de Marcel Proust (2006) no livro *Embuscadotempoperdido*. Ali, *O caminho de Swan*, revive as memórias do autor em Combray, pequena cidade que quando criança, passava férias em casa de seus avós.

Levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremecei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. (PROUST, 2006, p. 43).

Mas foi preciso mergulhá-la no chá e leva-la à boca para ter o prazer. De nada adiantou ver a *madelaine*. Este prazer está relacionado ao chá com *madelaines* servido pela sua tia Leónie nas manhãs de domingo. O autor se volta para a sua própria essência por meio do gosto do chá e do bolinho. De fato, o gosto rememora, desperta, mas não é capaz de trazer a verdade que Proust busca porque só ele a conhece, realmente. Veja: “bebo um segundo gole que me traz um pouco menos que o segundo. É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida.” (PROUST, 2006, p.43). O autor tenta repetir o gole de chá para sentir a mesma sensação da primeira vez que levou a xícara à boca, mas não houve a mesma alegria, o mesmo prazer, a mesma sensação de fuga do presente: “encontro o mesmo estado, sem nenhuma luz nova. Peço a meu espírito um esforço mais, que me traga outra vez a sensação fugitiva.” (PROUST, 2006, p.43). Desejo de fuga pelo gosto... sem sucesso. Logo, retoma o chá pensando nos desejos do amanhã. Ter acesso ao passado pelo gosto, reabrir as portas da infância tornou uma experiência sensorial e afetiva antes não imaginada.

Do mesmo modo, Ítalo Calvino (1995), em *Sob o Sol-Jaguar*, nos apresenta três contos nos quais o olfato, o sabor e a audição são protagonistas. Em um conto homônimo do livro, esclarece o sentido estético da experiência gustativa através das palavras que surgem ao longo da descrição da viagem de um casal ao México. Um dos exemplos está a seguir quando ele relata que

a verdadeira viagem, enquanto introjeção de algo ‘externo’ diferente do nosso habitual, implica numa mudança total da alimentação, é o engolir a cidade visitada, na sua fauna, flora e na sua cultura (não apenas as diversas práticas da culinária e dos condimentos, mas a utilização dos diversos instrumentos com os quais se tritura a farinha ou se mistura o conteúdo da panela), fazendo-a passar pelos lábios e pelo esôfago. Esta é a única forma de viajar que tenha algum sentido, hoje em dia, já que tudo o que é visível poderia ser visto inclusive através da televisão, sem que fosse necessário sair da poltrona de casa. [E nem se diga que o mesmo resultado possa ser obtido frequentando alguns restaurantes exóticos das nossas metrópoles: eles falseiam tanto a cozinha que pretendem imitar que, do ponto de vista da experiência cognitiva que oferecem, equivalem não a um documentário, mas a uma reconstrução cênica do lugar, num estúdio cinematográfico qualquer]. (CALVINO, 1995, p.33).

Esta viagem vivencia as experiências gustativas como experiências estéticas. A experiência com alimento tem uma relação direta com a boca que o interioriza e o insere em um ambiente com uma temperatura mais quente que a temperatura ambiente e produz a alquimia do sabor. Na maioria das vezes, não atentamos para a experiência no ato de comer e consideramos o alimento apenas como um teor nutritivo. “A degustação de um alimento ou de uma bebida implica uma imersão em si mesmo.” (LE BRETON, 2016, p.393). É estar consigo mesmo; é o momento de uma experiência única.

A boca também é uma abertura do corpo que, pela sua sensibilidade, produz efeitos sensuais diante de outra pessoa. Os movimentos feitos pelos lábios – ao mastigar -, e pelos olhos podem produzir efeitos de sensualidade e exteriorizar palavras que completem este movimento. O alimento ingerido pela boca nos oferece não só um momento de satisfação, como nos dá um sentido. Assim, degustamos o sabor da Terra quando a grafamos, a mastigamos; quando fazemos rasuras em sua superfície, quando fazemos história com o outro, quando sentimos as suas entranhas. Comer a Terra, no seu sentido metafórico, “é questão de sabor em todos os sentidos do termo.” (LE BRETON, 2013, p.409). Saborear a Terra é questão de experiência geográfica. A pessoa humana alimenta-se de sentido, antes de se nutrir do alimento propriamente dito. Comer a Terra, degustar a Terra é, desta maneira, participar da própria cultura, compartilhar com os pares, sabores e repugnâncias, preferências e indiferenças, crus e cozidos e, assim por diante. (LE BRETON, 2013).

Brilat Savarin (1995), em *A fisiologia do gosto*, explica que o gosto pode ser considerado sob três aspectos: físico, moral e material. Aqui, consideramos o gosto em sua causa material, isto é, “o gosto é a propriedade que tem um corpo de impressionar o órgão de fazer nascer a sensação.” (SAVARIN, 1995, p. 42). Ainda discorrendo sobre o assunto, o gastrônomo esclarece que o gosto nos proporciona sentimentos com características diferentes denominados como sensações direta – quando o alimento se encontra na parte anterior da língua; - quando o alimento passa para o fundo da boca, impregnando-a com seu gosto e perfume -; e refletida – juízo

posterior feito à ingestão do alimento sobre as impressões que o órgão lhe transmite.

Alimentar não consiste apenas em uma necessidade de sobrevivência. O prazer causado pelo alimento está sempre associado ao apetite e “à capacidade de ver, de ver-se e de ser visto.” (PERULLO, 2013, p.63). Quanto maior o apetite, maior o prazer sentido por aquele alimento. Alimentar envolve prazer, envolve emoções; envolve, ainda, sociabilidade, convivialidade. Para isso, o aroma, o sabor, o próprio ambiente e as pessoas envolvidas, tornam aquele momento único. A experiência da pessoa humana com o alimento é fundamental para que os prazeres da sua existência possam ser apreciados, partilhados e vividos.

Voltando ao *Sob o Sol-Jaguar*, Calvino (1995) discute a relação existente entre a comida e o prazer. A convivialidade, ou seja, aquilo que se vive com alguém, e, neste caso, a convivialidade reúne a comida e a conversa através da boca. A língua se mistura à saliva e às papilas gustativas para dar o sentido do gosto antes do alimento seguir em direção ao estômago para ser feita a absorção. Neste estado de torpor, o silêncio se faz, os olhos se fecham para deixar o prazer tomar conta do corpo.

A comida se torna o meio pelo qual Olívia – a protagonista –, manifesta o afeto, a partilha, a sensualidade, enquanto a conversa se torna o canal de expressão do sabor. O enredo consiste em uma viagem ao México feita pelo casal. Olívia chega ao seu destino com fome e deseja comer, degustar, provar, saborear. Será por meio da experiência do gosto que o casal buscará o diálogo tanto pelo sabor da palavra quanto pelo sabor do corpo. O casal protagonista é conduzido durante a viagem pela exploração do sabor e pela experiência do gosto. Não é a necessidade de comer que predomina durante a viagem; sobrepõe-se a isso o prazer obtido no ato de comer, no movimento das papilas gustativas com a saliva. Esta ligação – papilas e saliva – pode causar sensações erógenas.

Calvino (1995) mostrou, ao longo das narrativas, que

a verdadeira viagem, enquanto introjeção de um ‘exterior’ diferente do nosso habitual, implica uma mudança total da alimentação, engolir o país visitado, na sua fauna e flora e na sua cultura (não só as diferentes práticas da cozinha e do tempero mas o uso de diversos instrumentos com os quais se amassa a farinha ou se mexe a panela), fazendo-o passar pelos lábios ou pelo esôfago. (CALVINO, 1995, p. 40).

Uma viagem que percorre o âmbito da oralidade e do prazer gustativo parece ser a melhor forma de se conhecer um lugar. Em outras palavras, conhecemos melhor um lugar também pela boca. Foi desta maneira que os personagens conheceram terras mexicanas guiados pela experiência gustativa: Olívia deixou-se inebriar pelo sabor do *tamal de elote*<sup>3</sup>, do *chiles ennogada*<sup>4</sup> e de

<sup>3</sup>Farinha de milho doce com carne de porco moída e pimenta picante, cozida no vapor com palha de milho.  
<sup>4</sup>Pimentas de cor vermelho-escuro, um pouco enrugadas e envoltas em molho de nozes.

outras tantas comidas para se deixar penetrar nos saberes da cultura mexicana.

Neste mesmo conto, Calvino salienta que experimentar um alimento tem o intuito de

(...) sentir sabor e saber o que estamos experimentando, ou pelo menos denota que temos um sentimento reflexo em relação à impressão que tivemos, uma ideia, um início de experiência. (CALVINO, 1995, p.23).

A experiência é o ato de ir ao encontro do gosto. Numa viagem, a experiência do gosto é uma das formas de aproximarmos a cultura dos lugares e paisagens até então desconhecidos. Posto isto, o gosto se transforma em sabor da Terra uma vez que ele “é saber sobre o mundo” (Le BRETON, 2007, p. 95); sabores e saberes da Terra que se metamorfoseiam em gosto, que penetram a nossa pele e mergulham em nossas entranhas. O sabor é, portanto, fruto da Terra; é essência geográfica; é linguagem. O sabor carrega em si, um saber que nos conta, nos faz devanear na essência do outro. Logo, nada de tão particular, tão íntimo como comer porque comer, neste sentido, é conhecer por meio do gosto. Comer geográfico... Gosto geográfico... Sabor geográfico... Um modo de ler a Terra, de sentir a Terra, de comer a Terra, de expressar a geograficidade.

### **Últimas palavras**

Não se constrói uma escrita para o fim. Posso apenas acenar para alguns pontos que me auxiliaram durante a reflexão e contribuir para a abertura do ser ao mundo. As palavras se uniram a outras para compor o mosaico do gosto geográfico. Gosto este que reflete o nosso modo de ser e estar na Terra através da relação construída com nosso corpo – a geograficidade. Onde está o gosto da Terra? Qual é o gosto da Terra? Ele está dentro de nós, em nosso ser. Gosto geográfico... Um modo de fazer geografia..

## Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Gosto*. Tradução de Cláudio Oliveira. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Filô Agamben).
- ARISTÓTELES. *Obras completas*. Sobre a alma. Tradução de Ana Maria Lóio. Lisboa-PT: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. (Clássicos da Ciência).
- BRUNHES, Jean. *Geografia Humana*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Juventud S. A., 1955.
- CALVINO, Ítalo. *Sob o sol-jaguar*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lucia Endlich Orth. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ESTERMANN, Josef. *Filosofia andina*. Sabiduría indígena para un mundo nuevo. 2.ed. La Paz: ISEAT, 2006.
- GIRALDO, Omar Felipe. El discurso moderno frente al “pachamamismo”: la metáfora de la naturaleza como recurso y el de la Tierra como madre. *POLIS – Revista Latinoamericana*. Santiago-CL, v. 11, nº 33, dez. 2012, p. – p. 219-232
- GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1977.
- HOLZER, WERTHER. Influência de Eric Dardel na construção da geografia humanista norte americana. *Anais... XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS*, 2010, Porto Alegre. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. p.1-11. Disponível em: <file:///Users/virginia/Documents/T0012%20-%20Werther%20Holzer.pdf>. Acesso em: 03 de set. 2011.
- O lugar na Geografia Humanista. *Território*. Rio de Janeiro. nº 7., ano IV, p. 67-78, jul./dez., 1999.
- LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- M A R A N D O L A Jr, Eduardo. Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista. *Geograficidade*. Niterói, v. 4, p. 16-24, Edição especial. Outono de 2014.
- NOGUERA, Ana Patricia & MUÑOZ, Jaime Alberto Pineda. Naturaleza y nuevas geografías-sur. In: *Geograficidade*. v.4, nº 1, p.20-29, verão 2014.,
- NOGUERA, Ana Patricia. Complejidad ambiental: propuestas éticas emergentes del pensamiento ambiental latinoamericano. *Gestión y Ambiente*, Universidad Nacional de Colombia, Colombia, v. 10, nº. 4, p. 5-30, mayo, 2007.
- Crisis ambiental - Crisis civilizatória: el giro ambiental de lo humano en tiempos de crisis civilizatória. Palestra realizada em 20/10/2013 no Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. *NORUS – Novos Rumos Sociológicos*. Pelotas-RS, v. 3, nº. 3, p. 125-133, jan-jun, 2015.
- PARDO, Jose Luis. *Sobre los espacios - pintar, escribir, pensar*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1991. (Colección De

- los Ediciones del Serbal, 4). Caminho, 2013.
- PERULLO, Nicola. *O gosto como experiência*. Ensaio sobre filosofia e estética do alimento. Trad. Alessandro Valério. São Paulo: SESI-SP Editora, 2013. (Memória e Sociedade).
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. V.1. Tradução de Mário Quintana. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006.
- SAVARIN, Brillat. *A fisiologia do gosto*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo. Paisagem, uma categoria em transição. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Org.). *Filosofia e arquitetura da paisagem*. Um manual. Lisboa: Ed. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012.
- Pensar a paisagem. Interpelações à estética de Kant. *Estudos kantianos*. Marília-SP, v.5, n.º.1, p.45-58, jan./jun., 2017.
- SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- STEIN, Rudolf. *Os doze sentidos e os sete processos vitais: conferência proferida em Dornach (Suíça), em 12 de agosto de 1916*. Tradução de Christa Glass. 4ª.ed. São Paulo: Antroposófica, 2012.
- TAVARES, GONÇALO M. *Atlas do corpo e da imaginação: Teoria, fragmentos e imagens*. Alfragide-PT: Ed.